

Eterno Looping by Discípulos do Vegeta

Animes escolhidos: Sailor Moon, Ouran, Madoka, Mirai Nikki

Classificação indicativa: +16

Tags: violência doméstica, perigo, ameaça



Os passos no corredor. Ouço passos no corredor. Às vezes, vêm pra perto; de vez em quando, vão pra longe. Sei que ele está me buscando; sei o que quer fazer comigo. Me aperto mais dentro do armário onde me enfiei. Os passos vão para mais longe e, finalmente, posso respirar com um pouco mais de liberdade.

A Lua, que sei estar linda, ilumina o corredor e, como também sei, é a única luz que ilumina nossa casa. Espero que ele tenha desistido do que pretendia fazer; os hematomas da última vez ainda nem sumiram.

Quando foi que tudo começou? Foram tantas vezes, e tão recorrentes, que as memórias se sobrepõem de maneira cruel. Às vezes, penso em abandoná-lo, mas ele diz que vai mudar, não?

Vale a pena manter as esperanças?

Vale a pena acreditar?

Os passos no corredor voltam a ecoar, e, desta vez, ele parece não estar sozinho. “*Onde você se meteu, sua vagabunda?!*”, ele grita em alto e bom tom, não se importando com a vizinhança -- que, de qualquer forma, não pode nos ouvir.

Prendo a respiração novamente, enquanto sinto seus pés avançarem em minha direção.

Doentiamente perto. Megalomaníacamente perto. A dor das agressões passadas e o medo de tudo acontecer novamente me impede até mesmo de usar adjetivos da forma correta.

Ouçó seus pés cada vez mais próximos da porta.

Ele para.

Meus pulmões também.

Ele volta a se afastar, e eu sei que é para arrombar a porta. Em minha defesa, tenho algo que pode me proteger de alguma forma quando a porta abrir. Concentro-me e espero que o ombro dele venha de encontro à madeira que esconde o armário. Seguro com força a lanterna de vários watts de potência que trouxe comigo como uma maneira de parecer armada.

A porta, obviamente, estoura. A luz, direcionada em seus olhos, também.

Abandono minha companheira no chão e me ponho a correr, sem rumo certo, pelo corredor iluminado somente pela Lua. Ele atira o vaso que segurava em mim, e eu, em minha corrida torta pela minha vida, consigo me esquivar por pouco -- embora o vaso atinja meu braço, é melhor do que atingir a cabeça.



Eu sei que não tenho para onde fugir. Que ele vai me encontrar em qualquer lugar da casa -- casa que eu achei que tivesse comprado para que construíssemos uma família, mas que, no fim, era só um imóvel fácil de se transformar em uma prisão --, não importa o que eu faça.

Enquanto vou derrubando tudo o que encontro pelo caminho a fim de me proteger, encontro meu celular, que ele havia confiscado de mim há um mês, brilhando em algum canto. Sem muito tempo para refletir, me agarro ao aparelho e disco, com os dedos trêmulos, 9-1-1.

Sei que ele vai me encontrar.

Sei que provavelmente vai me matar.

Não é isso que ele sempre diz que o amor faz, mata as pessoas?

“A-alô? E-eu gostaria d-de... É um c-caso de vi-vio... lência domé...”

Não termino a frase, sinto um par de mãos muito mais fortes do que eu agarrarem meu pescoço, prontas para quebrá-lo. O celular, antes nas minhas mãos trêmulas, vai caindo, sucumbindo à gravidade da mesma maneira como eu sucumbo à escuridão.

Memórias, uma torrente de imagens nem sempre verdadeiras, começam a passar pela minha mente como num filme. O dia ensolarado no parque quando nos conhecemos, ele todo atrapalhado não conseguindo tomar seu sorvete; aquele dia românticíssimo em que me pediu em casamento; a maneira como seus olhos brilhavam no momento em que entrei na igreja.

O primeiro soco que me deu, as palavras jocosas que se seguiram. Todas as agressões que, você sempre me dizia, eram para o meu bem. As desculpas, as promessas de mudança, nulas, infrutíferas.

Quando foi que esse demônio se apossou de seu corpo?



Será que nunca houve demônio, e o anjo era o impostor?

Pareço estar ouvindo sirenes ao fundo, não tenho muita certeza. Ao que parece, já que escuto em minha semi-consciência, sua voz dizendo *“Então a vagabunda da Irene ouviu você gritando! O que eu faço com você, o que eu faço?”*, alguém lá fora escutou alguma coisa.

Devo ter gritado em algum momento, embora não consigo me lembrar de ter usado minha voz.

O escuro começa a me abraçar cada vez mais rápido e inexorável. Entrego-me à escuridão, tão cálida, tão fria, tão acolhedora e tão ríspida. O que mais posso fazer, senão render-me ao fim?

A Lua continua brilhando, sendo a única luz a iluminar os cômodos por onde tanto sofri. Em algum canto, meu celular brilha, na esperança de algum dia me reencontrar. Os pedaços do

vaso que ele atirou em mim jazem no corredor, como prova viva do amor que ele sentiu e do que esse amor -- seria mesmo amor? -- fora capaz de fazer por ele.



De uma forma ou de outra, quando entrei naquele armário, sabia que este seria o fim...

A escuridão me abraça.

E eu a abraço de volta.